

PANORAMA HISTÓRICO DAS MISSÕES CRISTÃS

Társis Nunes Alecrim de Souza¹
Wendal Mark Johnson²

Resumo: O movimento missionário cristão não é uma criação moderna denominacional. Pelo contrário, se encontra nas raízes da Igreja de Cristo desde seu princípio, já na descida do Espírito Santo no Dia de Pentecostes. Cumprindo a Grande Comissão de Jesus, os Apóstolos levaram o evangelho além dos limites geográficos de Israel, mas foram cristãos comuns que, indo, faziam discípulos por onde passavam e diversos homens e mulheres se destacaram na obra missionária ao longo dos séculos. Assim, este trabalho visa traçar um panorama histórico das Missões cristãs, em um recorte do início da Igreja até o século IX, e demonstrar que migrações, martírios, linguistas, monges, sinais, curas e conversões de reis, são algumas das diversas formas pelas quais o próprio Deus tem realizado sua obra redentora por meio de missionários.

Palavras-Chave: Missões. História do Cristianismo. Espírito Santo. missionários.

Abstract: The Christian missionary movement is not a modern denominational creation. On the contrary, it is found in the roots of the Church of Christ from its beginning, already in the descent of the Holy Spirit on the Day of Pentecost. Fulfilling the Great Commission of Jesus, the Apostles took the gospel beyond the geographic limits of Israel, but they were ordinary Christians who, on going, made disciples wherever they went, and several men and women stood out in missionary work over the centuries. Thus, this work aims to trace a historical panorama of the Christian Missions, in a section from the beginning of the Church until the 9th century, and to demonstrate that migrations, martyrs, linguists, monks, signs, cures and conversions of kings, are some of the different forms by which God Himself has accomplished his redemptive work through missionaries.

Keywords: Missions. History of Christianity. Holy Spirit. missionaries.

INTRODUÇÃO

Desde o Dia de Pentecostes, a atividade missionária da igreja cristã tem sido uma de suas mais distintas características³. Os apóstolos pregavam a ressurreição de Cristo como cumprimento do propósito divino anunciado no Antigo Testamento e, naquele dia em especial, cerca de 3 mil pessoas foram batizadas, entrando para o movimento iniciado por Jesus e dando início à Igreja cristã.⁴

¹ Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduando em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

² Bacharel em Letras, pela Southern Illinois University, mestre em Divindade, pelo Southern Baptist Theological Seminary, Doutor em Missiologia, pelo Billy Graham School of Missions and Evangelism, do Southern Baptist Theological Seminary e Pós-Doutor pelo Southern Baptist Theological Seminary. Atua como missionário da International Mission Board e professor no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

³ ROBINSON, Charles H. **História das missões cristãs**. 1915, p.1. Disponível em inglês em: <https://archive.org/details/historyofchristi00robiuoft/page/n9/mode/2up>

⁴ SHELLEY, B. L. **História do Cristianismo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Tomas Nelson, 2018, p. 31

Aquele momento inaugurou o cumprimento da Grande Comissão, dada pelo Cristo ressurreto, em suas últimas palavras antes da ascensão, quando a partir dali, seus discípulos deveriam cumprir o “ide” fazendo discípulos de todas as nações.⁵

Todavia, o que houve no dia de Pentecostes foi um movimento inverso, com a vinda de judeus de diversos países, praticamente de todo o mundo conhecido à época⁶. Festas como esta movimentavam pessoas de diversas regiões a Jerusalém, se tornando o cenário perfeito para uma expansão explosiva do evangelho. Em Atos 2:8-11 lemos:

Como pois os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos? Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia [regiões do Oriente Médio], e Judeia, e Capadócia, e Ponto, e Ásia, e Frígia, e Panfília [regiões da Ásia Menor, atual Turquia], Egito e partes da Líbia, junto a Cirene [regiões do norte da África], e forasteiros romanos (tanto judeus como prosélitos), e cretenses [Europa], e árabes [península arábica], todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus.⁷

Com o impacto da pregação poderosa por meio do Espírito Santo, era natural que, ao retornarem para seus países, aqueles milhares de testemunhas anunciassem o que tinham visto e ouvido. Tanto que apesar de não haver no Novo Testamento qualquer versículo indicando que um apóstolo tenha fundado a igreja de Roma, lá se desenvolveu uma comunidade cristã digna de receber uma das mais elaboradas epístolas do apóstolo Paulo. Sobre os fundadores dessa igreja, Champlin explica que:

É bem possível que tenham sido os convertidos judeus quando do dia de Pentecostes, vindos de Roma a Jerusalém a fim de participarem daquela festa religiosa que voltaram à sua cidade e, através de seu testemunho, formou-se um núcleo original que formou aquela igreja local.⁸

Entretanto, deve-se ressaltar que mesmo os apóstolos ainda não tinham compreendido plenamente a amplitude da mensagem já entregue por Jesus, de que o Reino de Deus não seria composto de ovelhas de apenas um aprisco⁹ e que a adoração não se limitaria a um lugar geograficamente específico¹⁰. Mas o propósito divino, desde o princípio, era o de abençoar todas as famílias da Terra, conforme prometido a Abraão, e não somente o povo hebreu¹¹. E o Messias anunciou que o fim virá apenas após o evangelho ser anunciado em todo o mundo.¹²

⁵ BÍBLIA, N.T. Mateus 28:19,20. In **A BÍBLIA**. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008.

⁶ BÍBLIA, N.T. Atos 2:6. In *op. cit.*

⁷ BÍBLIA, N.T. Atos 2:8-11. In *op. cit.*

⁸ CHAMPLIN, R. N. **Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, p. 178

⁹ BÍBLIA, N.T. João 10:16. In *op. cit.*

¹⁰ BÍBLIA, N.T. João 4:20,21. In *op. cit.*

¹¹ BÍBLIA, A.T. Gênesis 12:3. In *op. cit.*

¹² BÍBLIA, N.T. Mateus 24:14. In *op. cit.*

Nesse contexto, cabe elucidar que mesmo que as boas novas tenham sido anunciadas em diversas línguas, no Pentecostes, aquele público que se converteu aos milhares era formado de judeus que habitavam diversas nações, e não, de gentios. E ainda, que os cristãos mencionados em Atos 6 como “gregos”, na verdade eram judeus adeptos a elementos da cultura grega.¹³

Porém, logo a evangelização começou a se expandir e ultrapassar os limites do judaísmo. Por meio de Filipe, houve a conversão de Simão, o mago, já na região da Samaria, e, pouco depois, o eunuco etíope recebeu as boas novas do cumprimento das Escrituras em Jesus¹⁴. A narrativa do livro de Atos não dá detalhes posteriores sobre o mordomo-mor da rainha dos etíopes. Mas ainda que academicamente não haja comprovação, a tradição indica, por meio do historiador Eusébio de Cesareia, a propagação do evangelho já em território africano:

Por certa providência divina, quando o anúncio do evangelho do Salvador avançava diariamente, foi para ali levado um príncipe dos etíopes, conforme costume que ainda prevalece de serem governados por uma mulher, sendo o primeiro dentre os gentios que receberam de Filipe os mistérios da palavra divina. O apóstolo, conduzido por uma visão, assim o instruiu e ele, segundo se diz, tornando-se a primícia dos crentes em todo o mundo, foi o primeiro que, voltando para o seu país, proclamou o conhecimento de Deus e a habitação salutar de nosso Senhor entre os homens. De modo que a profecia obteve seu cumprimento por meio dele: “A Etiópia estende suas mãos para Deus”.¹⁵

Mas o caminho para o trabalho missionário universal foi aberto oficialmente em Atos 10, quando o apóstolo Pedro, após receber de Deus uma visão esclarecedora, batiza o gentio Cornélio e vários outros que estiveram com ele. Ao retornar a Jerusalém, a igreja local demanda explicações e Pedro relata que, diante do recebimento do Espírito Santo pelos gentios, não havia como negar sua conversão. Ao reexaminarem o Antigo Testamento à luz de Jesus, os cristãos primitivos descobriram que a mensagem era maior e mais abrangente do que queriam aceitar.¹⁶ Assim, ainda que muitas questões práticas e doutrinárias tenham causado atritos posteriormente, os primeiros discípulos, finalmente, reconheceram que Deus concedera também aos gentios o arrependimento para vida¹⁷ e, portanto, era necessário que o evangelho fosse levado a todas as pessoas.

Certamente, o trabalho missionário ao longo dos tempos tem trazido muitos do Oriente e do Ocidente para se assentarem à mesa com Abraão, Isaque e Jacó¹⁸ e alguns expoentes e tipos deste movimento serão tratados a seguir.

¹³ GONZÁLEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo** - Vol. 1-Ed. Vida Nova, p. 31.

¹⁴ BÍBLIA, N.T. Atos 8. In *op. cit.*

¹⁵ EUSÉBIO DE CESAREIA. **História eclesiástica**. 3ª ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2005, p. 49.

¹⁶ SHELLEY, B. L. *Op. cit.* p. 29.

¹⁷ BÍBLIA, N.T. Atos 1:18. In *op. cit.*

¹⁸ BÍBLIA, N.T. Mateus 8:11. In *op. cit.*

MIGRAÇÃO MISSIONÁRIA

Algum tempo antes do reconhecimento da conversão dos gentios por Pedro, os judeus causaram a morte do primeiro mártir cristão, Estêvão. O fato de os cristãos ensinarem a divindade de Jesus foi um dos fatores decisivos para o rompimento definitivo entre o judaísmo e o movimento de Jesus. A partir de então, o cristianismo se delimita mais claramente como religião independente. Além disso, essa perseguição culminou em uma fuga dos cristãos de Jerusalém, à exceção dos apóstolos, conforme relato de Atos:

E fez-se, naquele dia, uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém; e todos foram dispersos pelas terras da Judeia e da Samaria, exceto os apóstolos. E uns varões piedosos foram enterrar Estêvão e fizeram sobre ele grande pranto. E Saulo assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, os encerrava na prisão. Mas os que andavam dispersos iam por toda parte anunciando a palavra.¹⁹

Como visto, esta dispersão começou a produzir convertidos na Judeia e Samaria, gerando o que se pode nomear de “migração missionária”, ou seja, crentes deslocados de uma área geográfica para outra levando consigo a sua fé. Ainda que compulsória, esta migração disseminou a fé cristã, antes concentrada em Jerusalém. O livro de Atos registra que esse movimento levou o evangelho a distâncias ainda maiores, como se observa:

E os que foram dispersos pela perseguição que sucedeu por causa de Estêvão caminharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a palavra senão somente aos judeus. E havia entre eles alguns varões de Chipre e de Cirene, os quais, entrando em Antioquia, falaram aos gregos, anunciando o Senhor Jesus. E a mão do Senhor era com eles; e grande número creu e se converteu ao Senhor.²⁰

Mesmo que não seja um método missionário propriamente dito, este tipo de propagação, geralmente resultante de perseguição, aconteceu muitas vezes na história, como com os huguenotes, grupos cristãos que colonizaram a América do Norte, fugindo da opressão religiosa na Europa²¹.

Cabe ainda destacar que foram “varões de Chipre e de Cirene” que anunciaram o Senhor Jesus aos gregos em Antioquia, que era a maior cidade da Síria, centro de cultura helênica, e onde grande número se converteu.²² E é bastante simbólico lembrar que foi nesta cidade síria,

¹⁹ BÍBLIA, N.T. Atos 8:1-4. In *op. cit.*

²⁰ BÍBLIA, N.T. Atos 11:19-21. In *op. cit.*

²¹ LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma história do Cristianismo**. Vol. II. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 1041.

²² LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma história do Cristianismo**. Vol. I. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 89.

entre os gentios, que os seguidores de Jesus foram chamados pela primeira vez de cristãos.²³

MINISTÉRIO APOSTÓLICO

Coube aos apóstolos a liderança da Igreja após a ascensão de Jesus e há informações de que alguns deles — particularmente Pedro, João e Paulo — realizaram viagens missionárias e de supervisão às igrejas fundadas por outros cristãos. E é possível que alguns outros apóstolos, como Tomé, tenham feito o mesmo.²⁴

Talvez visando cobrir com missionários praticamente todo o mundo conhecido da época, Eusébio de Cesareia descreve, na obra *História Eclesiástica*, os destinos dos apóstolos:

Dizem que este Marcos foi o primeiro a ser enviado ao Egito, e que ali pregou o Evangelho que ele havia posto por escrito e fundou igrejas, começando pela de Alexandria.²⁵

Os santos apóstolos e discípulos de nosso Salvador haviam se espalhado por toda a terra: a Tomás, como quer uma tradição, coube a Partia; a André a Cítia, a João a Ásia, entre os quais se estabeleceu morrendo em Éfeso. Pedro, segundo parece, pregou no Ponto, na Galácia e na Bítinia, na Capadócia e na Ásia, aos judeus da diáspora; por fim chegou a Roma e foi crucificado de cabeça para baixo, como ele mesmo pediu para sofrer. E o que dizer de Paulo, que desde Jerusalém até o Ilírico cumpriu com a pregação do evangelho de Cristo?²⁶

Mas como disse o historiador antigo, Paulo foi aquele que teve maior destaque por viagens missionárias, tendo sido escolhido por Pedro, Tiago e João como apóstolo dos gentios, enquanto esses três se dedicariam aos circuncisos.²⁷

Geralmente junto de Barnabé e outros companheiros, Paulo partiu de Antioquia e, em várias viagens, levou o evangelho à ilha de Chipre, às várias cidades da Ásia Menor, à Grécia, a Roma, e talvez até à Espanha.²⁸ Tito e Timóteo foram treinados ativamente por Paulo em viagens e posteriormente, desenvolveram seu próprio trabalho missionário, tornando-se líderes destacados na Igreja primitiva e possivelmente fundando igrejas em Tessalônica e Creta.²⁹

O trabalho do apóstolo Paulo foi tão efetivo que criou um padrão de evangelismo nos primeiros séculos do Cristianismo, com uma estratégia mais urbana³⁰, por meio do estabelecimento em uma das grandes cidades do império inicialmente, e posteriormente

²³ BÍBLIA, N.T. Atos 11:26. In *op. cit.*

²⁴ GONZÁLEZ, Justo L. *Op. cit.* p. 37.

²⁵ EUSÉBIO DE CESAREIA, *Op. cit.*, p. 61.

²⁶ EUSÉBIO DE CESAREIA, *Op. cit.*, p. 77.

²⁷ BÍBLIA, N.T. Gálatas 2:9. In *op. cit.*

²⁸ GONZÁLEZ, Justo L. *Op. cit.* p. 32.

²⁹ COLLINS, Michael; PRICE, Matthew A. **História do Cristianismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 32

³⁰ LATOURETTE, Kenneth Scott. *Op. cit.*, p. 99.

chegando às cidades menores da região, com líderes auxiliares.³¹ Nas cidades, as pessoas eram mais receptivas a novas ideias e Paulo buscava primeiramente judeus e pagãos simpatizantes, próximos à comunidade judaica, pois o campo missionário era mais fértil.³²

Cabe registrar a existência de dúvida histórica sobre a tradição acerca da “divisão missionária do mundo” pelos apóstolos, como afirmado por Latourette³³. Porém, deve-se destacar que, aparentemente, a maior parte do trabalho missionário não foi completado pelos doze, mas sim por cristãos anônimos que, por vários motivos (perseguição, negócios ou vocação missionária), anunciavam sua fé enquanto se deslocavam pelo mundo.³⁴

O crescimento do Cristianismo foi tão explosivo que antes do ano 200, os cristãos eram encontrados não apenas em todas as províncias do Império romano, como também além das fronteiras, na Mesopotâmia³⁵. Essa expansão chamou a atenção do Império romano, ficando marcada por conflitos com o Estado, quando muitos cristãos testemunharam de sua fé com seu próprio sangue.

MARTÍRIO

Nos três primeiros séculos, houve persistente perseguição ao cristianismo que foi num crescendo até o começo do século 4, quando os Imperadores Constantino e depois, Teodósio I, conduziram a religião cristã a se tornar a oficial do Império. Porém, em vez de extingui-lo, a perseguição chegou mesmo a fortalecê-lo.³⁶ Portanto, o martírio também apresenta relevância no desenvolvimento missionário.

Os ataques começaram com os próprios judeus e, como visto, Estêvão foi o primeiro de uma série de mártires cristãos. Mas a separação definitiva do judaísmo e o crescimento gentílico levaram a perseguição aos romanos. Os cristãos eram acusados de serem ateus por recusarem-se a participar dos cultos pagãos e, portanto, comprometiam o Império junto aos deuses. Também dizia-se que sacrificavam crianças e consumiam seu carne e sangue na ceia, além de serem acusados de imorais por casarem entre “irmãos e irmãs”.³⁷ A necessidade de defender os cristãos, inclusive, levou ao surgimento dos apologetas, cabendo destacar Justino, que também foi mártir³⁸.

O Imperador Nero, já no ano de 64, acusou os cristãos de colocarem fogo em Roma e o

³¹ SHELLEY, B. L. *Op. cit.*, p. 45.

³² COLLINS, Michael; PRICE, Matthew A. *Op. cit.*, p. 30.

³³ DEIROS, Pablo A. **História Global do Cristianismo**. São Paulo: Ed. Vida, 2020.

³⁴ GONZÁLEZ, Justo L. *Op. cit.* p. 37.

³⁵ LATOURETTE, Kenneth Scott. *Op. cit.*, p. 99.

³⁶ LATOURETTE, Kenneth Scott. *Op. cit.*, p. 106.

³⁷ LATOURETTE, Kenneth Scott. *Op. cit.*, p. 107.

³⁸ DEIROS, Pablo A. *Op. cit.*

historiador pagão Tácito relata que a perseguição foi mero capricho do governante. Também há uma forte tradição de que Pedro e Paulo estavam entre os mártires de Nero. Mas é muito provável que nesta época não houvesse ainda perseguição tão cruel nas demais províncias romanas.³⁹

Houve também ataques pelo Imperador Domiciano, que assumiu o trono em 81 d.C., mas a fé se expandiu tanto que o então governador da Bitínia, Plínio Segundo, relata ao Imperador Trajano, em 111 d.C., que os templos estavam abandonados, as carnes sacrificadas aos ídolos não tinham compradores e “o contágio desta superstição penetrou não só nas cidades, mas também nos povoados e nos campos”.⁴⁰

Um dos mais famosos mártires foi Policarpo de Esmirna, que foi um evangelista de destaque, mestre de Irineu de Lião e contemporâneo dos apóstolos, provavelmente tendo tido contato direto com João⁴¹. Detalhes de seu martírio foram conhecidos por um documento de 23 de fevereiro de 155. Na narração, quando o procônsul Estácio Quadrato o exorta a renegar Cristo, Policarpo responde: “Faz 86 anos que o sirvo e nunca me fez mal algum: como poderia blasfemar o meu Redentor?”. O procônsul o ameaça: “Posso fazer-te queimar vivo!” Ele responde: “O seu fogo queima por um momento, depois passa; eu temo é o fogo eterno da condenação”. Assim, prestes a ser queimado vivo, Policarpo elevou os olhos ao céu e orou em voz alta: “Senhor Deus Soberano [...] dou-te graças, porque me consideraste digno deste momento, para que, junto a teus mártires, eu possa ser parte no cálice de Cristo. [...] Por isso te bendigo e te glorifico. [...] Amém”.⁴²

Cabe esclarecer que durante todo o século II, e boa parte do III, não houve perseguição sistemática contra os cristãos, mas sim em pontos isolados. O Cristianismo não era permitido, porém os cristãos só eram punidos pelo Estado quando, por alguma razão, eram levados diante dos tribunais⁴³, conforme ordem de Trajano. Assim, até o ano de 249, a igreja desfrutou de relativa tranqüilidade, com algumas ataques locais, temporários e muitos martírios⁴⁴.

Mas nos fins do século III, a perseguição passou por Décio e Valeriano e chegou a seu ápice com o Imperador Diocleciano. Visando evitar a decadência do império e da antiga adoração oficial, o governante ordenou, em 303, a destruição dos templos cristãos, a queima de bíblias e livros cristãos, a extinção da adoração cristã e a prisão do clero. No ano seguinte, a sentença: os cristãos deviam escolher entre oferecer sacrifícios aos ídolos ou morrer.⁴⁵

³⁹ GONZÁLEZ, Justo L. *Op. cit.* p. 42.

⁴⁰ GONZÁLEZ, Justo L. *Op. cit.* p. 45.

⁴¹ DEIROS, Pablo A. *Op. cit.*

⁴² GONZÁLEZ, Justo L. *Op. cit.* p. 51.

⁴³ GONZÁLEZ, Justo L. *Op. cit.* p. 55.

⁴⁴ COLLINS, Michael; PRICE, Matthew A. *Op. cit.*, p. 44.

⁴⁵ DEIROS, Pablo A. *Op. cit.*

É necessário citar que estudiosos dizem que o número real dos mártires dos três primeiros séculos é relativamente baixo, inferior a 10 mil, quando comparado com a população de 50 milhões de pessoas no apogeu romano.⁴⁶ E que a imagem de cristãos pacíficos e indefesos, vestidos de túnicas brancas, em anfiteatros diante de leões famintos é equivocada.⁴⁷

Entretanto, a memória dos mártires é marcante na história cristã e é penetrante o testemunho daqueles que sofreram pela fé. Inclusive a própria palavra grega para martírio significa “dar testemunho”⁴⁸. A coragem era uma virtude muito admirada na cultura romana, alguns crentes chegaram até mesmo a serem voluntários à morte e há muitíssimos relatos de que a firmeza e a alegria que os cristãos manifestavam em meio ao martírio serviram para atrair outros à nova fé.⁴⁹ Desse modo, é pertinente exemplificar esse caráter missionário do martírio com a famosa frase de Tertuliano: “O sangue dos mártires é a semente da igreja.”

MISSIONÁRIOS E LINGUISTAS

IRINEU (135-195)

Provavelmente nascido em Esmirna, na Ásia Menor, por volta do ano 135 d.C., Irineu quando jovem, recebeu conhecimentos de Policarpo de Esmirna, bispo que teve contato testemunhas oculares de Jesus. Posteriormente, em 170 d.C, foi para a Gália, atualmente região da França, e acabou se tornando bispo de Lião. Ele liderou a igreja naquela cidade e fez um grande trabalho missionário com os povos celtas da região, uma vez que falava celta e grego⁵⁰. Também se destacou pela defesa da igreja contra heresias, em especial contra o gnosticismo, buscando a paz e unidade da igreja, com livros que chegaram até os dias atuais.⁵¹

ULFILA (311-381)

Um dos maiores missionários estrangeiros, Ulfilas era de um povo nórdico chamado de godos⁵² e trabalhou por 40 anos em missões entre sua própria gente, conduzindo-os a fé em Cristo conforme os ensinamentos de Ário⁵³. Para traduzir a Bíblia na língua nativa, inventou o alfabeto gótico, já que a língua era apenas falada. Morreu numa missão a Constantinopla.⁵⁴

⁴⁶ DEIROS, Pablo A. *Op. cit.*

⁴⁷ SHELLEY, B. L. *Op. cit.*, p. 53.

⁴⁸ COLLINS, Michael; PRICE, Matthew A. *Op. cit.*, p. 44.

⁴⁹ GONZÁLEZ, Justo L. *Op. cit.* p. 99.

⁵⁰ WILLIAMS, Terri. **Cronologia da História Eclesiástica**: em gráficos e mapas. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 41.

⁵¹ GONZÁLEZ, Justo L. **Uma história do pensamento cristão**. Vol. 1, São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 153.

⁵² LATOURETTE, Kenneth Scott. *Op. cit.*, p. 132.

⁵³ SHELLEY, B. L. *Op. cit.*, p. 178.

⁵⁴ WILLIAMS, Terri. *Op. cit.* p. 41.

CIRILO (826-869) E METÓDIO (815-885)

Também havia missionários na Europa Oriental. No século IX, dois irmãos chamados Cirilo e Metódio, que eram gregos de nascimento, trabalharam entre os povos eslavos que ocuparam grande parte da Península Balcânica. Para que eles pudessem traduzir a Bíblia e o culto litúrgico da igreja para o idioma local, eles inventaram um alfabeto - conhecido como escrita cirílica. Este alfabeto é usado até hoje para escrever línguas eslavas como búlgaro, sérvio e russo. Ao contrário dos católicos romanos na Europa Ocidental, que mantinham a Bíblia e o culto litúrgico em latim mesmo depois de o latim se tornar uma língua morta, as igrejas ortodoxas da Europa Oriental faziam questão de usar o idioma local em todo lugar que os missionários iam para realizar a obra missionária.⁵⁵

SINAIS E MARAVILHAS

GREGÓRIO TAUMATURGO (213-270)

Gregório Taumaturgo nasceu em Ponto e sua conversão se deu pelo erudito filósofo e pai da igreja, Orígenes de Alexandria. Posteriormente, Gregório se tornou o bispo de Neocesareia e teve grande sucesso missionário por conta dos milagres que realizava – e não propriamente por sua teologia. O Taumaturgo geralmente promovia a cura de enfermos e acreditava-se que os apóstolos e a Virgem dirigiam sua obra missionária através de visões.⁵⁶

Gregório também foi precursor na estratégia de colocar festas dos mártires cristãos no lugar das festas pagãs, visando substituir a crença, como um método missionário. Ele se empenhou para ver completa a conversão da população de sua diocese. Diz a tradição que o sucesso evangelístico teria sido tanto que “quando Gregório Taumaturgo assumiu o bispado da igreja de Neocesareia, havia dezessete cristãos na cidade, e após sua morte só restavam dezessete pagãos.”⁵⁷

CONVERSÃO DE REIS

GREGÓRIO, O ILUMINADOR (240-332)

Conforme descreve o historiador Justo González, o pequeno Reino da Armênia ficava na fronteira entre as potências do Império Persa e Império Romano. No século III, em uma das

⁵⁵ GONZÁLEZ, Justo L. *Op. cit.* p. 322.

⁵⁶ GONZÁLEZ, Justo L. *Op. cit.* p. 99.

⁵⁷ LATOURETTE, Kenneth Scott. *Op. cit.*, p. 100.

invasões persas, armênios se refugiaram nos territórios romanos da Síria, Ásia Menor e Constantinopla, onde conheceram o cristianismo, e alguns deles se converteram. Entre esses estava Gregório, posteriormente conhecido como o Iluminador, e que era parente do rei armênio, Tirídates.

Ao retornar para a Armênia, Gregório começou a pregar o evangelho no país e o rei, temendo críticas do povo de que a corte teria se romanizado, decidiu prender seu parente por quinze anos. Entretanto, o trabalho missionário de Gregório surtiu efeito e o rei Tirídates se converteu, sendo acompanhado por outros membros da corte em seu batismo, gerando um movimento de conversão em massa, em que grande parte do povo se tornou cristão, até mesmo muitos sacerdotes pagãos.⁵⁸

Desse modo, no dia 6 de janeiro do ano 303, dia da celebração do batismo de Jesus Cristo, o rei Tirídates se batizou – e uma multidão junto com ele. Assim, dez anos antes do Edito de Milão retirar a perseguição cristã no Império Romano, a Armênia se tornou a primeira nação do mundo a ter o Cristianismo como religião oficial.

Apesar de inicialmente a conversão massiva ter sido mais superficial, com o tempo a fé cristã realmente se incorporou no país. E cabe destacar que no século V, com o intuito de traduzir a Bíblia para o armênio, foi criada própria língua escrita, uma vez que era apenas falada. E esta criação de literatura em muito colaborou para a unidade da nação.⁵⁹

CLOTILDE (475-545)

Os francos, inicialmente, eram pagãos e, ao tomarem posse da Gália, deram-lhe o nome de “França”. A união dos territórios se deu pela liderança de Meroveu, seu filho Childerico e seu neto Clóvis. Este último se casou com a princesa burgúndia Clotilde, que era cristã. E os francos tiveram contatos com o Cristianismo pelos povos da Gália.⁶⁰ Clotilde insistentemente marcava sua fé junto ao rei e, durante a campanha militar contra os alamanes, Clóvis prometeu a Jesus Cristo, o Deus de Clotilde, que se converteria se Ele lhe desse a vitória.⁶¹

Com a derrota do inimigo, Clóvis foi batizado pelo bispo católico Remígio, de Reims, no Natal de 496, acompanhado de boa parte de sua nobreza, e de 3 mil de seus guerreiros⁶². É importante destacar que esta foi a causa da conversão do povo franco ao catolicismo, que mais a frente, deu origem ao grande império de Carlos Magno.

⁵⁸ LATOURETTE, Kenneth Scott. *Op. cit.*, p. 104.

⁵⁹ GONZÁLEZ, Justo L. *Op. cit.*, p. 153.

⁶⁰ GONZÁLEZ, Justo L. *Op. cit.*, p. 235.

⁶¹ SHELLEY, B. L. *Op. cit.*, p. 180.

⁶² DEIROS, Pablo A. *Op. cit.*

MISSÕES MONÁSTICAS

MARTINHO DE TOURS (335-400)

Martinho de Tours foi um monge e bispo, que teve sua vida escrita em livro por Sulpício Severo e se tornou um popular modelo do ideal monástico em toda a Europa durante vários séculos. Sua história foi fundamental para o monasticismo ocidental, o qual tem destaque na história da igreja.

Martinho nasceu por volta de 335, na região da Panônia, onde hoje é a Hungria. Seu pai era um soldado pagão e, por não aceitar sua conversão ao cristianismo na infância, o alistou no exército. Em uma campanha militar, em Amiens, ocorreu a famosa passagem em que Martinho rasga sua capa em duas para dar a um mendigo com frio e, logo depois, vê em sonho Jesus Cristo envolto na sua meia capa reconhecendo sua generosidade como ao próprio filho de Deus.⁶³

Após o serviço militar, ele trabalhou para o bispo Hilário e pode se dedicar à vida monástica em Tours, onde sua fama passou a crescer por maravilhas que operava, sem perder a humildade. A contragosto dos bispos por conta de seu desapego, a pressão popular levou Martinho a ser feito bispo da cidade de Tours. Apesar disso, ele não abandonou sua vida monástica e a utilizou para o trabalho missionário, em especial na região da Gália.⁶⁴

PATRÍCIO (390-461)

Nascido por volta do ano 389 d.C., Patrício era de uma família cristã e nascido na Bretanha romana. Após um ataque foi raptado ainda jovem e levado para a Irlanda, onde trabalhou por ao menos seis anos como escravo, pastoreando rebanhos. Mesmo nesse período, sua fé herdada aprofundou-se e ele preencheu seus dias e noites com oração. Conseguiu escapar, mas acabou indo para a Europa continental, passou um tempo em um monastério na Gália e após muitas dificuldades, retornou para sua família na Bretanha.⁶⁵

Porém, por meio de sonhos, recebeu o chamado para retornar à Irlanda como missionário e, mesmo com grande perigo pessoal, passou a pregar na Irlanda. Após entraves, obteve tanto sucesso que algumas vezes batizou multidões de irlandeses ao mesmo tempo. Passou também a ordenar e instruir sacerdotes irlandeses, em um cristianismo próprio, para liderarem os recém-convertidos. Desse modo, a Irlanda passou a ter uma forte igreja, que logo se tornou um centro missionário, enviando seus próprios evangelistas a outras regiões.⁶⁶

⁶³ GONZÁLEZ, Justo L. *Op. cit.*, p. 157.

⁶⁴ WILLIAMS, Terri. *Op. cit.* p. 41.

⁶⁵ LATOURETTE, Kenneth Scott. *Op. cit.*, p. 134.

⁶⁶ GONZÁLEZ, Justo L. *Op. cit.*, p. 241.

COLUMBA (521-597)

Um dos missionários de mais destaque da igreja irlandesa foi Columba, que foi formado em um mosteiro de tradição. Por volta de 563, Columba e doze companheiros foram enviados à pequena ilha de Iona, na costa da Escócia.⁶⁷ Dizia-se que Columba sempre andava ocupado com o estudo, oração, escritas, jejum e em vigiar. Em Iona, ele fundou um mosteiro visando ser uma base missionária para a conversão dos pictos, povo escocês. Ele foi o líder dessa comunidade monástica, a qual se tornou referência⁶⁸. Após várias incursões aos territórios dos pictos, o rei Brídió se converteu, assim como a maioria dos seus súditos.

AIDÃO (? - 651)

O mosteiro de Iona ganhou destaque e quando o rei Oswaldo, da Nortúmbria, na Bretanha, se refugiou lá por questões políticas, passou a admirar Columba. Após ver o monge em um sonho, Oswaldo levantou uma cruz rústica, e pediu a vitória ao Deus de Columba contra os bretões. Com o sucesso na batalha, todo o reino de Nortúmbria se tornou cristão e monges de Iona enviaram missionários a pedido do rei.⁶⁹

Aidão era um deles e ficou marcado ao fundar na ilha de Lindisfarne um mosteiro semelhante ao de Iona. O monge viajou por aquele pequeno reino principalmente a pé, ganhando pagãos, confirmando crentes, cuidando dos pobres, resgatando escravos, e educando os sacerdotes ordenados.⁷⁰ E desse mosteiro, a fé cristã se expandiu para vários outros reinos da Grã-Bretanha.

GREGÓRIO, O GRANDE (540-604) e AGOSTINHO DE CANTUÁRIA (?-604)

Monge que se tornou papa em 590, Gregório estimulou o monasticismo beneditino e desde jovem demonstrou interesse pela evangelização dos anglos⁷¹. A tradição, inclusive, conta que Gregório se ofereceu ao papa para ser missionário na Britânia, mas que a população romana não o deixou ir. Em 596, insatisfeito com o trabalho dos bispos ingleses, Gregório enviou um grupo de missionários do mosteiro que ele fundara antes de ser papa. Liderados por Agostinho – posteriormente referenciado como “de Cantuária” – os monges chegaram ao reino de Kent, na Grã-Bretanha. Apesar de alguns revéses, quando o rei Etelberto se converteu, milhares de súditos o seguiram ao batismo.⁷²

⁶⁷ GONZÁLEZ, Justo L. *Op. cit.*, p. 242.

⁶⁸ LATOURETTE, Kenneth Scott. *Op. cit.*, p. 461.

⁶⁹ GONZÁLEZ, Justo L. *Op. cit.*, p. 242

⁷⁰ LATOURETTE, Kenneth Scott. *Op. cit.*, p. 462.

⁷¹ WILLIAMS, Terri. *Op. cit.* p. 41.

⁷² LATOURETTE, Kenneth Scott. *Op. cit.*, p. 463.

Em Cantuária, capital de Kent, Agostinho fundou um mosteiro beneditino, na estrutura de um templo pagão concedido pelo rei, se tornando referência a outros mosteiros da Inglaterra. O papa Gregório continuou apoiando a missão com reforços e conselhos por meio de cartas. Agostinho se tornou arcebispo da Cantuária e quando morreu, menos de dez anos após a ida à Grã-Bretanha, todo o reino de Kent era cristão, assim como em todas as regiões vizinhas havia seguidores de Cristo.⁷³

O destaque desta missão é necessário por dois aspectos: é o primeiro relato confiável em toda a história da igreja de que um papa ou bispo de Roma envia missionários a terras estranhas. E como legado, o trabalho de Agostinho de Cantuária resultou na aproximação do cristianismo na Grã-Bretanha com o restante da Europa Ocidental, o que perdurou fortemente até o século XVI.⁷⁴

WILLIBRORD (658-739) e BONIFÁCIO (680-754)

O trabalho de Gregório Magno e Agostinho de Cantuária com os ingleses gerou frutos sólidos e missionários das ilhas foram enviados para onde hoje são Holanda e Alemanha, o que clarifica a ligação da expansão missionária com o monasticismo beneditino.

Willibrord foi um desses missionários, treinado inicialmente em um mosteiro inglês e depois, na Irlanda. No ano de 690, aos 33 anos, rumou para a Frísia, atual Holanda, para evangelizar aquele povo bárbaro e pagão. Obteve o apoio do franco Pepino de Heristal e também do papa, sendo consagrado arcebispo em Roma por volta de 696. Willibrord continuou o trabalho até os 81 anos, junto com outros missionários ingleses, e apesar do avanço lento, ao tempo de sua morte, o cristianismo estava bem estabelecido na região, o que o tornou o “Apóstolo dos frísios”. O monge Winfrith, mais conhecido como Bonifácio, veio primeiramente ao continente para ajudar Willibrord.⁷⁵

Nascido na Inglaterra em 680 d.C., Bonifácio ingressou voluntariamente aos sete anos em um mosteiro da regra de São Bento, onde cresceu em seus estudos com destaque por sua devoção e inteligência, chegando a diretor da escola. Seguindo sua vocação missionária, partiu em 716 para os Países Baixos, terra dos frísios. Após dificuldades, recebeu apoio do papa Gregório II e dos governantes francos, interessados na pacificação das fronteiras. Isto o aproximou do território franco, onde fundou diversos mosteiros beneditinos, com o intuito também de reformar a Igreja dos francos.⁷⁶

Seu trabalho missionário teve grande sucesso também na atual Alemanha, o que o tornou

⁷³ GONZÁLEZ, Justo L. *Op. cit.*, p. 244.

⁷⁴ LATOURETTE, Kenneth Scott. *Op. cit.*, p. 465.

⁷⁵ LATOURETTE, Kenneth Scott. *Op. cit.*, p. 466.

⁷⁶ GONZÁLEZ, Justo L. *Op. cit.*, p. 259.

conhecido como “Apóstolo dos alemães”, por converter muitos pagãos e reformar as Igrejas na Bavária e na Turíngia. Um episódio icônico ocorreu em Geismar, diante de muitos pagãos hostis, em que, assim que deu a primeira machadada em um antigo carvalho consagrado ao deus Thor, um forte vento quebrou a árvore em quatro fragmentos. Os pagãos foram convencidos do poder de Deus e a madeira foi usada para a construção de uma capela cristã. Bonifácio ganhou status, se tornou arcebispo e chegou a ungir Pepino rei dos francos, em nome do próprio papa. Acabou sendo morto ao tentar retornar à evangelização dos frísios.⁷⁷

CONCLUSÃO

O presente trabalho não teve por finalidade esgotar o desenvolvimento do trabalho missionário ao longo da história – e nem o poderia ser. Isto porque, como visto, desde o Pentecostes, o Espírito Santo tem atuado poderosamente e das mais variadas formas ao redor do mundo para usar aqueles que se dispõem a obedecer o “ide” de Jesus Cristo. E também porque, apesar de nos inspirarmos nos grandes evangelistas, a consolidação da fé cristã se deu e se dá por meio dos crentes fiéis e anônimos, que, onde quer que estejam, não deixam de anunciar a todos aquilo que tem visto e ouvido. Por fim, cabe lembrar as palavras do apóstolo e missionário Paulo: “Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns.”⁷⁸

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A **BÍBLIA**. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008.

CHAMPLIN, R. N. **Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos.

COLLINS, Michael; PRICE, Matthew A. **História do Cristianismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

DEIROS, Pablo A. **História Global do Cristianismo**. São Paulo: Ed. Vida, 2020.

EUSÉBIO DE CESAREIA. **História eclesiástica**. 3ª ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

GONZÁLEZ, Justo L. **Uma história do pensamento cristão**. Vol. 1, São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

GONZÁLEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo** - Vol. 1-Ed. Vida Nova.

⁷⁷ LATOURETTE, Kenneth Scott. *Op. cit.*, p. 467.

⁷⁸ BÍBLIA, N.T. I Coríntios 9:22. In *op. cit.*

LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma história do Cristianismo**. Vol. II. São Paulo: Hagnos, 2006.

LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma história do Cristianismo**. Vol. I. São Paulo: Hagnos.

ROBINSON, Charles H. **História das missões cristãs**. 1915, p.1. Disponível em inglês em: <https://archive.org/details/historyofchristi00robiuoft/page/n9/mode/2up>, Acesso em: 29/06/2020.

SHELLEY, B. L. **História do Cristianismo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Tomas Nelson, 2018.

WILLIAMS, Terri. **Cronologia da História Eclesiástica**: em gráficos e mapas. São Paulo: Vida Nova, 1993.